

UM INTELLECTUAL NA URGÊNCIA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE



FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

MÁRIO SÉRGIO VASCONCELOS

Diretor-Presidente / Publisher

JÉZIO HERNANI BOMFIM GUTIERRE

Superintendente Administrativo e Financeiro

WILLIAM DE SOUZA AGOSTINHO

Conselho Editorial Acadêmico

DIVINO JOSÉ DA SILVA – LUÍS ANTÔNIO FRANCISCO DE SOUZA

MARCELO DOS SANTOS PEREIRA – PATRICIA PORCHAT PEREIRA DA SILVA KNUDSEN

PAULO CELSO MOURA – RICARDO D'ELIA MATHEUS

SANDRA APARECIDA FERREIRA – TATIANA NORONHA DE SOUZA

TRAJANO SARDENBERG – VALÉRIA DOS SANTOS GUIMARÃES

Editores-Adjuntos

Maria Betânia Amoroso
Cláudia Tavares Alves
(org.)

UM INTELLECTUAL
NA URGÊNCIA
Pasolini lido no Brasil

EDITORIA
UNICAMP


editora
unesp

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

In8 Um intelectual na urgência : Pasolini lido no Brasil / organização
Maria Betânia Amoroso e Cláudia Tavares Alves. – Campinas, SP:
Editora da Unicamp ; São Paulo, SP : Editora Unesp, 2022.

1. Pasolini, Pier Paolo, 1922-1975 – Crítica e interpretação. 2. Literatura
italiana. I. Amoroso, Maria Betânia. II. Alves, Cláudia Tavares.

CDD - 854.914
- 854

ISBN 978-85-268-1558-2 Editora da Unicamp
ISBN 978-65-5711-147-5 Editora Unesp

Copyright © by Maria Betânia Amoroso
Cláudia Tavares Alves (org.)
Copyright © 2022 by Editora da Unicamp
Copyright © 2022 by Editora Unesp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade das organizadoras e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br
vendas@editora.unicamp.br

Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
CEP 01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3242-7171 – Fax: (11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO – <i>Giona Tuccini</i>	7
APRESENTAÇÃO – <i>Maria Betânia Amoroso e Cláudia Tavares Alves</i>	21
1. IMPORTÂNCIA DE PASOLINI – <i>Ruggero Jacobbi</i>	27
2. PAIXÃO E IDEOLOGIA – <i>Alfredo Bosi</i>	33
3. SOBRE OS FUNDAMENTOS DA CRÍTICA LITERÁRIA PASOLINIANA – <i>Gesualdo Maffia</i>	37
4. PASOLINI E A LÍNGUA DA POESIA – <i>Eduardo Sterzi</i>	57
5. UMA LÍNGUA DESPERTA: PASOLINI, A EXPERIÊNCIA POÉTICA E UMA CONSCIÊNCIA DA HISTÓRIA – <i>Vinícius Nicastro Honesko</i>	75
6. PASOLINI E O TEMPO DA CONTROVÉRSIA – <i>Cláudia Tavares Alves</i> ..	95
7. PASOLINI: PAIXÃO E IDEOLOGIA – <i>Michel Lahud</i>	113
8. POLÍTICA, HISTÓRIA, VIDA: PASOLINI COMO PENSADOR – <i>Ernani Chaves</i>	131
9. O ESPECTRO DE PASOLINI NOS RONDAS: O MUNDO MODERNO COMO CATÁSTROFE – <i>Maria Betânia Amoroso</i>	145
10. O TEOREMA DE PASOLINI: PLASTICIDADE DESTRUTIVA E EXPLOSIVA – <i>Manoel Ricardo de Lima</i>	159
11. UM DESCAMPADO BANHADO DE LUAR: NOTAS E FRAGMENTOS – <i>Mariarosaria Fabris</i>	171

12. TA KAI TA – <i>Davi Pessoa</i>	189
13. O CINEMA MODERNO SEGUNDO PASOLINI – <i>Ismail Xavier</i>	209
14. PASOLINI E OS SENTIDOS: LINGUAGEM E FILOSOFIA – <i>Roan Costa Cordeiro</i>	231
15. NOTAS SOBRE A DEVASTAÇÃO: PASOLINI NA SALA DE ENSAIO – <i>José Fernando Peixoto de Azevedo</i>	247
16. O NÓ INEXTRICÁVEL: O BRASIL DE PIER PAOLO PASOLINI – <i>Ettore Finazzi-Agrò</i>	265
17. PASOLINI E O BRASIL – <i>Michel Lahud</i>	281

PREFÁCIO

PASOLINI ALÉM-MAR. ANTIGAS E NOVAS CONTRIBUIÇÕES BRASILEIRAS AOS ESTUDOS PASOLINIANOS^{*}

Giona Tuccini

No princípio era o *caos*. E é árduo metabolizar essa desordem, exposta na sua imediatez nos versos e nas páginas críticas como contradições de evangélica memória (“Ele está aqui [...] como sinal de contradição”, Lc2, 35). Era o nó no qual o poeta das cinzas^{**} plasmava um pensamento capaz de apreender a realidade como verdadeiro sentimento, coagulado numa profusão de eventos particulares e em todo ato de criação; uma obra – como já foi dito – concentrada e desconcertante ao se tornar uma sonda que explora implacavelmente nossa tradição e a contemporaneidade última. Suas páginas são lidas e excessivamente reimpressas como uma reserva de onde extrair sistemas de pensamento e modelos de análise do presente. Pasolini ainda nos fala e se faz discutir. É o que deixa claro o volume organizado por Maria Betânia Amoroso e Cláudia Tavares Alves, *Um intelectual na urgência: Pasolini lido no Brasil*, no qual a figura pasoliniana surge ainda viva nos diálogos densos de estudiosos de diversas proveniências, convocados a desnudar – pela diversidade de suas abordagens – esse autor perscrutado como “mundo”. Sobretudo o Pasolini filósofo, cuja voz atravessou longitudinalmente a segunda metade do século XX e acabou

* Tradução de Maria Betânia Amoroso. (Nota da Organização; doravante, N. da O.)

** O autor refere-se a um dos mais conhecidos poemas de Pasolini, “As cinzas de Gramsci”. Ver Pasolini, 2015, pp. 56-83. (Nota da Tradução; doravante, N. da T.)

ressoando no nosso tempo como um mausoléu repleto de ecos. Não sei dizer se o nosso poeta era também filósofo, mas é certo que foi o “Caso Pasolini” ao qual Amoroso, no seu “O espectro de Pasolini nos ronda: o mundo moderno como catástrofe”, atribui a propagação de um procedimento de análise que é mais precisamente uma onda que arrastou uma massa autônoma de intelectuais voltados a refletir sobre o impasse da civilização ocidental, assim como do Brasil. Há muito do que se orgulhar da inteligência humana se for verdade que hoje, como há 50 anos, paira sobre tudo o odor insinuante da pasoliniana tragédia da cultura. Amoroso foca os eternos lugares da crítica e da arte ao redor dos quais se sedimenta a ressonância psicológica e moral da essência profunda de Pasolini contestador de um tempo passado, mas que é também artífice do presente; lugares nos quais, particularmente nos anos 1960, se instala a catástrofe do Depois da História e se radicaliza a tentativa de conhecer a força de tal desgraça.

Para Ernani Chaves, Pasolini é filósofo, de acordo com o que já observara Roberto Esposito quando defende que o escritor foi um pensador no sentido mais rigoroso,¹ porque seu pensamento prospera nas zonas mais densas da matéria social: a política, a história e a vida. O pensamento de Pasolini, pela vivaz plasticidade dos princípios éticos e pela pressão do ambiente presente na evolução de seus argumentos, encontraria seus fundamentos no Renascimento: sua obra pode ser considerada herdeira legítima ao restaurar o complexo tecido de relações na base da discussão entre história e vida. Se, por um lado, “As cinzas de Gramsci” segue os percursos abertos pelo célebre politólogo e combatente italiano, por tematizar as relações entre poesia e política, consciência e empenho moral, entre história e horizonte, por outro, a partir de sua forma interna, em clara descontinuidade com os modelos funcionais da literatura neorrealista do pós-guerra, denuncia uma mudança de rota (em direção poética)² que, para Esposito, se explicita em termos de uma verdadeira “fratura”, embora, aos olhos dos estudiosos dedicados a avaliar a experiência de reflexão de Pasolini, se destaque a desconfiança do poeta em relação à complexidade expressiva da linguagem filosófica, atuando na direção de uma obra híbrida, experimental e sempre destinada a perseguir uma “intenção prática”. Para o escritor, na verdade, a literatura e o cinema de poesia preestabelecem, com maior ou menor evidência, um objetivo de denúncia e, enquanto tais, são oferecidos ao debate cultural como matéria de profecia. A consequência mais imediata dessa posição

é o caráter programaticamente aberto de seus escritos que, culminando na leitura crítica da história focalizada em *Petrolio*,^{*} encontra no incompleto um valor fulgurante. Bendita fecundidade da cultura! Pasolini provavelmente terá desconfiado da linguagem filosófica, embora tenha se deixado seduzir pela aventura moderna da pesquisa psicanalítica, de onde extraiu desdobramentos teóricos e toda uma série de temas, como bem lembrou Davi Pessoa, que, a partir do texto pasoliniano “Freud conosce le astuzie del grande narratore” [Freud conhece as astúcias do grande narrador], publicado no *Giorno* em 1963, reflete sobre o uso “bárbaro” e pretextual do termo “neurose”, declinado e disseminado em diferentes modos como conceito “multilinear”. Sabemos que, em seu laboratório político-literário, o fulcro da reflexão gira ao redor da neurose e da patologia como elementos imputados aos regimes autoritários aos quais o sujeito é submetido, tributado na sua totalidade até a sua duplicação (o que ocorre ao personagem em *Petrolio*, o engenheiro Carlo Valletti, cindido em *Polis e Tetis*); um corpo “ancípite sob a sombra de Tánatos”, uma vez que, quando se é confrontado com a regra a ser violada, não há instrumento de denúncia mais potente que o corpo morto. Sobre isso Manoel Ricardo de Lima se deteve, lembrando como o empenho do corpo e do rosto que se expandem na imagem da dilaceração – exposição pública do cadáver desmembrado – explicita a força livre e percussiva que Pasolini usou para combater a arrogância coercitiva do Poder. Se a duplicação é um princípio narrativo plausível na “farmacopeia” literária pasoliniana, e o protesto é inato à própria liberdade de morrer a despeito da Conservação, tais motivos são postos em contato com um outro *topos* não menos significativo: o escândalo. Um breve olhar ao poema “As cinzas de Gramsci” é suficiente para que imediatamente se perceba que tal instrumento – “o escândalo de se contradizer”, precisamente – é o reflexo injurioso daquela “fenomenologia do real” que atravessa toda a obra de Pasolini e que Michel Lahud, Ismail Xavier e Roan Costa Cordeiro perseguem em seus textos. Dando dignidade filosófica ao “escândalo da contradição”, o autor nos convidava a ter a coragem da palavra “inoportuna” que interrompe o jogo de máscaras no qual estamos imersos em meio à sociedade voluntarista, racista, escravocrata.

* *Petrolio* é o título do romance inacabado de Pasolini, publicado postumamente em 1993. Marcado fortemente pelo experimentalismo, os capítulos fragmentários são nomeados como “Appunto” [“Anotação”]. (N. da T.)

Gesto ético por excelência, o escândalo, portanto, surge como o único capaz de reivindicar a inocência perdida e a reconquista de uma relação autêntica com si próprio e com os outros, nas “negras entranhas”, “numa sombra de ação”.*

Este preâmbulo tem como finalidade introduzir a reflexão sobre a principal categoria de pensamento do poeta das cinzas aplicada aos sintagmas da realidade, que, no primeiro ensaio de Lahud aqui publicado (“Pasolini: paixão e ideologia”), é posta em questão como possibilidade para idolatria. No âmbito cinematográfico, em resposta ao desejo de aproximação direta e imaterial aos valores da realidade, essa tensão imediata em relação à experiência legítima a predileção do cineasta pelo real – em oposição ao natural – na escolha dos ambientes e dos atores não profissionais, livres de uma situação do tipo realista, que, em exercício mimético implacável, se tornam linguagem viva pela quase total ausência do plano-sequência. O sonho anacrônico do povo como “grande selvagem em meio à sociedade” (Tolstói) é difícil de se dissipar, tanto que é reproposto como um refluxo envenenado justo quando a poesia está morta (“Saluto e augúrio”) e o sujeito popular completou sua viagem para além do humano, decaindo no desumano. Ao avaliarmos o verdadeiro aporte e a gravidade efetiva de certos signos, sabemos que, de início, a palavra “realidade” compreende os elementos densos e concentrados do corpo e da matéria. E não surpreende que um conceito abstrato como “corpo popular”, contraposto à irrealidade da subcultura dos *mass media*, constitua o objeto de uma consciência crítica da cultura proletária sedimentada na obra pasoliniana, ao menos até a *Trilogia da vida*. Contudo, é evidente que, para Pasolini, a realidade, compreendida como carne do mundo, dê forma a uma linguagem universal que encontra na dimensão extramoral e metafísica das coisas seus postulados mais iluminados. Dito de outro modo, a realidade opera como impulso semântico para assinalar os traços parciais da autenticidade do real que, diante da degradação e da corrupção do mundo capitalista, é capaz de preservar certa integridade. Não sendo plenamente irreduzível, a realidade pesa com toda a sua força sobre valores artificiais, falsos ou irrealis, funcionando como detonador do ódio do poeta pela burguesia, compreendida não somente como classe social, mas como degeneração material e imaterial

* “Buie viscere” e “in un’ombra di azione” são partes de versos do poema “As cinzas de Gramsci”. Ver Pasolini, 2015, p. 67. (N. da T.)

do sujeito mediano encarnado por Carlo Valletti, possuído e sodomizado pelo proletariado nos arrabaldes da Casilina, no “Appunto 55”, capítulo conclusivo de uma obra aberta. Pelas citações de Mariarosaria Fabris fornecidas como argumentação no seu “Um descampado banhado de luar: notas e fragmentos” compreendemos que a efetividade ideológica desse reconhecimento é proporcional à efetividade funérea que encontra um signo eloquente no primeiro plano do rosto zombeteiro do Presidente sodomizado pelo miliciano Efisio em *Salò ou os 120 dias de Sodoma*.

Um pouco antes, comentando a antiga oposição entre burguesia e subproletariado como epicentro da “crise do marxismo” pasoliniana, acenávamos à *Trilogia da vida* em que é irreversível a impossibilidade de reviver o ser passado do passado, a não ser na forma irreal e impotente da lembrança e do neomediavelismo estetizante. Observando mais atentamente, porém, nos filmes em questão, encontramos ainda as modalidades daquela dessacralização da cultura burguesa já presentes em *Ricotta*, e a angústia empírica perceptível nas obras dos anos 1960 cede lugar aos fluxos de uma louca esperança implícita no sonho exótico que encontra na Idade Média o tempo de uma idealização da humanidade que não possui correspondência na contemporaneidade. Como sabemos, essa determinação caracteriza o regime conceitual do corpo popular. Diante do triunfo da irrealidade da subcultura dos *mass media* e portanto da comunicação de massa, o último baluarte da realidade parece ser o dos corpos inocentes marcados pela violência obscura, arcaica, vital de seus órgãos sexuais. Somente no físico e na sexualidade ainda é possível reconhecer a sobrevivência de uma natureza não contaminada pelo “mal burguês”, isto é, vital e livre do sentimento de culpa e do pecado. Parte daí a obstinação do último Pasolini ao demonstrar que o poder permissivo de uma sociedade regularizadora como a nossa é o poder mais fascista já conhecido pela história. Ora, como diz Ismail Xavier no seu texto, a “semiologia da realidade” compõe um vasto programa de desmascaramento da nova sociedade de consumo na Itália, signos impressos na aparência, nos gestos, na indumentária, na língua (principalmente dos jovens) como termos correlatos de um processo antropológico que Pasolini observa criticamente. Ao afrontar diretamente o problema do real como linguagem da ação e do cinema, o autor não separa arte e vida. E já foi dito, dada sua ancoragem à concepção do real como linguagem, ele apreende em

tal unidade a constelação fundamental que lança o corpo na luta. Roan Costa Cordeiro, em suas páginas intituladas “Pasolini e os sentidos: linguagem e filosofia”, refletiu sobre essa infinitude autêntica do movimento da vida no plano da representação, concluindo que (à luz da reflexão sobre realidade como linguagem em *Empirismo eretico*): somente a morte individualiza, totaliza e consagra a experiência de luta que permite ao poeta sobreviver a si mesmo no presente e prolongar no futuro a imanência profunda da sua obra-ação. Estamos ao centro da reflexão não somente sobre o ensaísmo pasoliniano em seu duplo caráter de poesia e política – ponto central do texto de Alfredo Bosi publicado no distante ano de 1967 e aqui reproposto –, mas também sobre o uso do dialeto já presente em uma outra antiga contribuição brasileira aos estudos pasolinianos, escrita por Ruggero Jacobbi em 1960. Pois bem, nesses ensaios, ratifica-se de diferentes modos que o fluxo transdiscursivo da vida é inseparável da experiência do dialeto e que tal exercício não se presta a uma formulação puramente ideológica, já que apela à estratificação da consciência do escritor que é, em si mesma, a fonte primária de sua arte. Já de início, Bosi observava que o poeta culto que escreve em vernáculo lança um paradoxo através do qual não somente é possível compreender sua linguagem poética, como sem isso não conseguiremos sequer compreender sua mensagem. Se quiséssemos determinar em que medida os termos dessa dupla unidade estética estão subordinados um ao outro, em suas aplicações concretas, primeiro extrairíamos a paixão, depois a ideologia, primeiro o abandonar-se ao dialeto, depois o pensamento crítico que enfatiza o uso do dialeto. Tal subordinação traria consigo a vocalização de uma contradição em movimento que permite a Pasolini alcançar sínteses potentes como a que ecoa no filme *O Evangelho segundo São Mateus*, no qual um marxista consegue transpor, nos termos de sua experiência cultural, a força do apelo religioso. Ainda quanto à questão dialetal, para Jacobbi, *Ragazzi di vita* mascara sob as formas popularescas uma sensibilidade decadente: os familiarizados com o tema sabem que o conhecido acadêmico italiano, conhecedor do panorama cultural brasileiro, atribuía o primeiro romance de Pasolini, mais do que a uma experiência pessoal, a um clima cinematográfico tão inerte e ilusório quanto uma ficção, permanecendo enredado nas malhas de um crepuscularismo exacerbado e de um lirismo evidente. Sobre o mesmo tópico, mas no plano estritamente poético, Gesualdo Maffia observa que o mero fato de publicar

uma coletânea de poesia dialetal na Itália fascista indica, no Pasolini ainda jovem, a presença de uma posição crítica consciente. A existência de uma obra que instaura no dialeto a sua unicidade faz com que todas as exigências de ordem propriamente artística nela implicadas estejam já pré-formadas e, além disso, resolvidas pela escolha crítico-ideológica que perpassa a própria obra. Por exemplo, em *Paixão e ideologia* – que, para Pasolini, assinala o equilíbrio entre tradição e experimentalismo sob o signo do poeta italiano Pascoli –, a voz pascoliniana é reconhecível na escolha dos ensaios presentes no livro, como caráter ordenador que contribui para conferir um caráter concreto e simbólico, autônomo e, de algum modo, centrípeto, a essa obra-prima de crítica. Mas não só. Pascoli auxilia o autor em sua tentativa de ampliação da visão tradicional e elitista da literatura italiana, ao se lançar no estudo e na difusão de coletâneas de poesia dialetal e regional.

Origem e vértice, ordem e voragem, elemento de configuração e reconfiguração do objeto poético que não se limita ao plano estritamente estético, para que a obra ganhe impulso para penetrar mais profundamente na nossa consciência: esses são os esteios da poesia concebida como luta vitalista que transforma em língua tudo aquilo que resvala. É o que diz acertadamente Eduardo Sterzi ao observar que, ao se lançar em uma escritura que até então era só oral, Pasolini não só aderiu com todas as suas forças à terra natal e ao dialeto materno, como também abraçava a prática filológica do século XX como missão e exercício, em um arco epistemológico que inclui Curtius, Auerbach, Spitzer, Pasquali, Benjamin e Contini, cuja maior lição – fornecida com Rosanna Bettarini por ocasião da preparação da edição crítica dos poemas de Montale³ – talvez tenha sido ter nos ensinado que, quando a coerência formal é negligenciada, a obra se afasta da vida íntima do sujeito. A junção poesia/filologia nos escritos pasolinianos não é confirmada somente na forma do “prazer” estético, mas é elevada à categoria ética, inspirada em um realismo visivo projetado no futuro, que estimula um salto: se a tarefa da filologia é “ler o que não foi escrito”, a tarefa da poesia (que é sua variante prática e imaginativa) é escrever aquilo que não pode ser lido no presente, e portanto é rastreável na perspectiva de uma legibilidade futura, não atualizável, e, enquanto tal, perenemente possível. Tomemos os versos bilíngues (dialeto friulano e italiano) de “Saluto e augúrio”, nos quais Pasolini se dirige a um jovem fascista, como já havia feito em “Bestia di stile” (1974), e em que a particular tonalidade

testamentária, concentrada sobretudo no arremate final, preenche o lirismo pasoliniano de intuitivo frescor:

<i>Chiàpiti su chistu pèis, fantàt ch'ì ti mi odii:</i>	Prenditi tu questo peso, ragazzo che mi odii:
<i>puàrtilu tu. Al lus tal còur. E jo ciaminarai lizèir, zint avant, sielzint par sempri</i>	portalo tu. Risplende nel cuore. E io camminerò
<i>la vita, la zoventùt.</i>	leggero, andando avanti, scegliendo per sempre
	la vita, la gioventù. ⁴

O poema nos convida, mais uma vez, a refletir sobre a dialética entre poesia e comunidade, língua falada e língua institucional, central nos textos publicados na revista *Stroligut*, entre 1944 e 1947, e analisada por Vinícius Honesko neste livro; por outro lado, a experiência da poesia como operação linguística (de acordo com as coordenadas continianas), que era principalmente experiência de povo (por sugestão gramsciana), nos anos 1970 se torna matéria de retratação vertiginosa nos versos de um poeta que se vê só diante do fim do objeto poético.⁵ Em “Saluto e augúrio” Pasolini fala com franqueza e mostra o fundo do poço. Retorna ao friulano, mas não sabemos dizer se esses versos partem mais da boca do que do coração. Sabemos que reescrever *La meglio gioventù* [A melhor juventude] como *La nuova gioventù* [A nova juventude] foi um golpe cirúrgico em meio ao “escândalo de se contradizer”. Pasolini morreu, e o gelo caiu sobre suas contradições. Ainda resta compreender a agitação causada por esse reversor de sinais que obrigava a rever os equívocos disseminados em suas obras anteriores e a recolocar em questão toda a sua mensagem poética. O que foi sensatamente observado por Honesko, torna-se sujeito de um mal-entendido à luz da catástrofe radical foco da *Nuova gioventù*. Cláudia Tavares Alves escreve que, por um lado, a dissociação de Pasolini na contemporaneidade se manifesta como um recorte específico do passado, opondo ao novo fascismo do presente o velho fascismo histórico; por outro, a aclamação pela atualização dos intelectuais se dá no presente, fazendo do passado – como tempo irreversível – um motor de reações ao encarceramento da realidade. Esse tipo de exaltação do passado, que atraiu muitas críticas ao autor e a acusação de nostalgia e conservadorismo, é um tema central nas

poesias ítalo-friulanas que, exatamente por essa razão, são indicadas por Pasolini como leitura complementar à coletânea *Escritos corsários*. Entretanto, na zona mediana entre o tudo e o nada, na qual o antigo sangue da luta se coagula em crosta mefítica, há quem tenha encontrado o mais controvertido de nossos poetas.

No Brasil de Glauber Rocha, a lição pasoliniana não é em absoluto inatual, porque se abre à percepção de todo povo como “singular” e de todo gesto poético como força política. Sobre esse tema, são úteis as considerações de Ismail Xavier, na segunda parte de seu ensaio, na qual são postas em evidência as semelhanças das posições de Pasolini e Glauber, responsável por páginas importantes não somente sobre os filmes e as ideias do nosso autor, mas também sobre a atmosfera dominante no Brasil atormentado pela ditadura.

Duas tonalidades de desencanto revelam a íntima fraternidade entre quem sabe comentar o próprio tempo com eficácia de compreensão e de julgamento, transformando o intelectual italiano em um clássico. Se existe um autor que vem falando ininterruptamente, há décadas, para toda a cultura brasileira – se não por outros motivos, por ter se tornado cânone indiscutível de identificação ideológica –, esse é Pier Paolo Pasolini, considerado consentâneo aos intelectuais de esquerda do país sul-americano, ao oferecer um novo código de comunicação e de luta política, no qual escritores de todas as ordens e graus se reconhecem até hoje. É o que nos mostra José Fernando Peixoto de Azevedo, que, em seu artigo, escreve sobre Pasolini e sobre sua reescritura em âmbito brasileiro como instrumento de denúncia. Depois de acenar à influência de *Píldes* exercida sobre ele, Azevedo monta uma nova peça teatral, composta a partir de textos de Pasolini, obras teatrais e ensaios, cenas de filmes (em particular *Notas para uma Oresteia africana*), entrevistas, especialmente a última, da qual extrai o título de sua peça: *Estamos todos em perigo*. Azevedo se detém sobre o contexto social, cultural, político e econômico do Brasil de seu tempo, através de uma descrição impiedosa dos males de seu país, tendo sempre como termo de referência Pasolini, sua obra, suas afirmações e sua visão de mundo. A evidência foi estabelecida. A ressonância do “caso Pasolini” excede infinitamente os sinais de sua obra; sua mensagem ultrapassou o Atlântico e se fez além-mar. Quando, em 2016, o centro Studi Pier Paolo Pasolini di Casarsa della Delizia publicou o volume *Pasolini, oggi. Fortuna internazionale e ricezione critica*⁶ [Pasolini, hoje. Fortuna internacional e recepção crítica], com

o ambicioso objetivo de examinar as mais profícuas interpretações da fortuna crítica de Pasolini na contemporaneidade e na globalidade, os organizadores e os críticos participantes não acusaram a extraordinária força de impacto do *corpus* e do personagem pasoliniano na América do Sul, instigando a novos estudos no campo. Mas uma pesquisa desse tipo é desejável para compreender por inteiro o “novo renascimento” dessa fortuna crítica. No volume *Um intelectual na urgência: Pasolini lido no Brasil* é oferecido, pela primeira vez, um balanço parcial sobre a transmissão da força moral do “fenômeno” Pasolini no Brasil, que se tornou um ícone exemplar de originalidade, sem correspondente na filosofia contemporânea, embora – ao ser eleito como instrumento de identificação e de comunicação cultural – o seu *revival* possa coincidir com uma assimilação indireta, desviante, contorcida do autor como um ramo na água, refratado e deformado. Um exemplo entre tantos são as manipulações e as apropriações realizadas pelo político italiano Matteo Salvini e pelo historiador de arte Vittorio Sgarbi, ambos expoentes da direita, que fizeram da mensagem pasoliniana uma figura de dupla face, dobrável em qualquer direção. Em vídeo disponível *on-line*, Sgarbi cita Pasolini para comentar “o horror das construções dos nossos tempos”, numa sequência de aproximações e analogias frustrantes. Por sua vez, Salvini recorre a Pasolini para atribuir profundidade dialética a seu ataque aos partidos que participaram das manifestações antifascistas, durante seu comício na *piazza* del Duomo em Milão, em 24 de fevereiro de 2018. E o cita literalmente, ou pelo menos faz assim parecer:

Me pergunto se este antifascismo enraivecido que é destilado nas praças de hoje, quando fascismo não há mais, não seja, na verdade, uma distração que a classe dominante usa contra estudantes e trabalhadores para espalhar o dissenso. Levar as massas a combater um inimigo inexistente enquanto o comunismo moderno rasteja, se insinua e desgasta a sociedade já moribunda.

E, em seguida, resume em um *tweet*: “Pasolini dizia que a ‘caça aos fascistas’ era coisa de quem estava no poder para esconder os problemas REAIS. Tinha razão”. A resposta à queima-roupa de outro usuário é um golpe seco na nuca: “Pasolini cuspiria na tua cara”. Essas palavras, divulgadas pelo líder da Lega Nord e frequentemente repetidas pela direita italiana de modo instrumental para minimizar a importância da violência miliciano dos últimos tempos,

estariam numa carta escrita para Alberto Moravia que, na verdade, não existe na correspondência publicada pela Einaudi em 1988, por Nico Naldini. A revista *Internazionale* confirma a informação em um artigo intitulado “Pasolini, Salvini e o neofascismo como mercadoria”, escrito pelo coletivo Wu Ming 1 (pseudônimo de Roberto Bui), que declara, depois de atenta análise linguística, tratar-se de uma citação falsa.⁷

O que dizer? Em plena autarquia do falante, o equívoco está sempre à espreita e nos aguarda por todos os lados. Deveria ser fácil entrar em acordo sobre os limites, mas, ao contrário, não existem regras nem respeito por um escritor que fez do poder e da sordidez uma máscara querelante e zombeteira. Na universal anistia moral concedida aos homologadores, aos negacionistas, aos políticos presunçosos e fraudulentos, dispostos a confundir e manchar mesmo os discursos mais límpidos, Pasolini pode contar com os que se dedicam a conhecê-lo e que, pondo os pingos nos “is” pelas pesquisas aprofundadas, mantêm viva a pesquisa literária, liberando a palavra autoral dos mal-entendidos. Entre sua boca e os ouvidos de quem pretende instrumentalizá-lo, é criada uma zona de arbitrariedades, de alusões, de saques vendidos como livre interpretação, operação esta não menos ilusória e sub-reptícia do que aquela dos cineastas “decamerônicos” que, na onda do sucesso comercial alcançado pela *Trilogia da vida*, nos anos 1970, iniciaram o filão dos filmes da “Comédia boccacesca”. Tratou-se de uma mixórdia na qual tergiversar, traduzir e alterar (em direção ao vulgar e pornográfico) suscitaram furiosas e idiotas negociatas. Não há outro modo de definir esses filmes, porque o gênero cômico-erótico foi usado para narrar escárnios, licenciosidades e amores da sociedade tardo-medieval, através da realização de um conjunto de filmes decadentes (cerca de 50), rodados com pouco dinheiro, com títulos atrativos e pensados somente para aproveitar a onda do sucesso do Decamerão pasoliniano.

A verdade é que somente o forte pode se dar o luxo de se empobrecer (no sentido de abismar-se no humilde) e se perder. E, a este ponto, há outro mérito do volume organizado por Maria Betânia Amoroso e Cláudia Tavares Alves, por nos informar sobre o que foi o Brasil para Pasolini, sobre a fragilidade de seus minutos de felicidade na cidade espiritualmente definida por Dilma Rousseff a mais bela “das galáxias e não da via láctea”. Refiro-me, em particular, ao ensaio de Ettore Finazzi-Agrò (“O nó inextricável: o Brasil de Pier Paolo Pasolini”) e ao segundo texto de Michel Lahud (“Pasolini e o Brasil”), no qual

nosso poeta é celebrado por seus olhos de lince, pela sutileza do tato e pelo *esprit de finesse* ao desvendar intuitivamente os sinais do eterno desvendados nas favelas do Rio. Poucos sabem, de fato, sobre a experiência direta, sensual, totalizante da realidade brasileira que não deixou marcas nos jornais: em março de 1970, quando estava com Maria Callas de passagem pelo Rio de Janeiro (retornavam do Festival de Cinema de Mar del Plata, na Argentina, onde foi apresentado o filme *Medeia*), Pasolini conseguiu se desvencilhar do assédio dos fotógrafos e dos jornalistas e se lançar de cabeça no desconhecido. Passeando, anônimo, pela cidade, rondava o Rio “por dentro”. Essa passagem foi registrada no poema “Hierarquia”, presente no livro *Trasumanar e organizzare*. O que mais surpreende Michel Lahud é o fato de Pasolini ter dedicado ao Brasil um verdadeiro poema cívico, uma composição de alguém aflito pela história e pelos destinos do país, com um olhar próprio e não comum aos poderosos do Brasil. As impressões e os juízos do escritor sobre o país provêm das experiências bárbaras – portanto, singulares e absolutamente não codificadas – de quem vive dentro das coisas e inventa um modo de nomeá-las. Isso se explica porque, para Pasolini, *saber-olhar* é, antes, *saber-compreender*, em um ativismo irreduzível às transcrições do intelecto, pois a paixão é, sobretudo, coisa do coração. Nesse sentido, Finazzi-Agrò lembra oportunamente que, antes da viagem mencionada por Lahud, Pasolini tinha tido um contato inesperado e ainda mais casual com o país da América do Sul, graças a uma aterrissagem forçada no aeroporto de Recife, durante o voo de ida para Buenos Aires. Distante das filosofias da história e dos clichês da autenticidade de todos os tempos, Pier Paolo procurava no fluxo da experiência vivente o significado e o mistério impalpável de uma aventura exposta à absoluta ausência de fundamentos. O encontro com o jovem brasileiro da favela é também a penetração vertical no vivo do impenetrável, uma transmissão imediata e prodigiosa da totalidade percebida *a priori* em relação aos elementos culturais. Noções aparentemente fora do tempo, como as de “inocência”, “simplicidade” ou “graça”, restituem somente em parte a direção desse olhar sagital que corta, com efeitos memoráveis, o campo da humanidade contemporânea. Se, para Finazzi-Agrò, Pasolini fixa a essência do Brasil nos signos definidores da Alteridade (não da Diferença) e do Incomensurável, desvinculado das medidas antropológicas, para Lahud, o poeta reconhece no desespero a única razão possível diante da vulgaridade do mundo. “Hierarquia”, à luz das contingências intelectuais e políticas brasileiras,

é um documento precioso em todos os sentidos, resultando ainda atual, mas é preciso considerar que, se esses versos são tão próximos a nós, é porque põem em circulação o amor no vazio pesado de nossas solidões, fornecendo-nos uma preciosa chave de leitura dos sentimentos do homem pelo homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ESPOSITO, R. *Pensamento vivo. Origem e atualidade do pensamento italiano*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2013.
- FELICE, A.; LACARTI, A. & TRICOMI, A. (org.). *Pasolini, oggi. Fortuna internazionale e ricezione critica*. Venezia, Marsilio, 2016.
- MONTALE, E. *L'opera in versi*. Edição crítica organizada por Rosanna Bettarini e Gianfranco Contini. Torino, Einaudi, 1980.
- PASOLINI, P. P. *Poemas*. Org. Alfonso Berardinelli e Maurício Santana Dias. Trad. e notas Maurício Santana Dias. Posfácio Maria Betânia Amoroso. São Paulo, Cosac Naify, 2015.
- TUCCINI, G. “Pasolini si rilegge”. *The Romanic Review*, vol. 96, n. 1. New York, Columbia University, jan. 2005, pp. 41-65.
- _____. *Umanesimo plebeo e poetica del sacrificio in “Accattone” di Pasolini*. Roma, Carocci, 2021.
- VIOLA, A. *Il fascismo secondo Pasolini (1942-1975)*. Milano, Mimesis, 2020.

NOTAS

- ¹ Esposito, 2013.
- ² Tratei do tema, em vários níveis, em Tuccini, 2021.
- ³ Montale, 1980.
- ⁴ “Tome para você, este peso, jovem que me /odeia: /se encarregue você. Resplandeça no coração. E eu/ caminharei/ ligeiro, seguindo em frente, escolhendo sempre/ a vida, a juventude.”
- ⁵ Para o aprofundamento do tema, cf. Tuccini, 2005, pp. 41-65.
- ⁶ Felice; Lacarti & Tricomi, 2016.
- ⁷ A respeito da reflexão pasoliniana sobre o fascismo, entre outros, ver Viola, 2020.

